

Arquivo Tamandaré: o espelho de uma carreira

Edina Laura Costa Nogueira da Gama

Graduada em História com especialização em História Militar Brasileira pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a Capitão-de-Fragata (T) Edina é atualmente Vice-Diretora do Serviço de Documentação da Marinha e sócia titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB)

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar o Arquivo do Almirante Tamandaré, um fundo composto de 1.492 documentos, divididos em 17 livros, que constitui rica fonte documental sobre o Patrono da Marinha do Brasil. No acervo documental explorado, encontram-se subsídios para a compreensão de sua atuação político-militar, com especial destaque para as *Memórias* de sua atuação como comandante da Força Naval brasileira destacada no Rio da Prata, entre 1864 e 1865, escritas pelo seu ajudante-de-ordens, o Capitão-Tenente Euzébio José Antunes.

PALAVRAS-CHAVE: ARQUIVO DO ALMIRANTE TAMANDARÉ; FONTES DOCUMENTAIS; CAMPANHA ORIENTAL

ABSTRACT

The present article has the purpose to introduce to the public the Admiral Tamandare's Archive: a collection of 1.492 documents, divided in 17 volumes, which compose a rich documental source about the Brazilian Navy Patron. The existing informations in that documents are a rich source that will help researchers to understand Brazilian political-military actions during the second half of the XIXth Century. With special emphasis to the volume that has the manuscript memory of Lieutenant Euzébio José Antunes, about the naval operation on Prata River's in the years of 1864 and 1865.

KEY-WORDS: ADMIRAL TAMANDARE'S ARCHIVE; DOCUMENTAL SOURCE; ORIENTAL CAMPAIGN

ORIGEM

A *Revista Marítima Brasileira*, no início de 1949, anunciou na seção Noticiário a compra, pelo então Ministério da Marinha, de objetos e documentos que pertenceram ao Almirante Marquês de Tamandaré, junto a Leon Victor Louis Robichez, viúvo de Luzia Marques Lisboa Robichez, neta do Marquês de Tamandaré, representante ainda dos demais herdeiros do Patrono da Marinha do Brasil.

Da relação detalhada no mesmo periódico, constavam objetos que hoje compõem parte do acervo em exposição no Museu Naval, no caso condecorações, espada, quadro a óleo, espadim, óculo de alcance e outros objetos. Quanto à documentação, eram listados:

- 153 ofícios do Ministro da Marinha – Guerra do Paraguai;

Edina Laura Costa Nogueira da Gama

- Processo do Segundino de Gomensoro
- Encalhe da *Jequitinhonha*;
- 115 cartas do Almirante Barroso – Guerra do Paraguai;
- 96 cartas do General Osório – Guerra do Paraguai;
- 21 cartas de J.M da Silva Paranhos – Guerra do Paraguai;
- Diário de Bordo – 1866;
- 34 cartas do General Manoel Marques de Souza – Visconde de Porto Alegre. Guerra do Paraguai;
- Cartas do Almirante Joaquim José Ignácio – Visconde de Inhaúma;
- Cartas do General Venâncio Flores;
- Numerosas cartas dirigidas ao Almirante: Conselheiro Silveira Lobo, Segundino Gomensoro, Conselheiro Pinto Lima, etc.;
- Diplomas das promoções e nomeações de Joaquim Marques Lisboa; e

– Correspondências particulares (cartas da Família Real, convites, montepios, congratulações, elogios, etc...).

Outro conjunto de documentos foi entregue à Marinha do Brasil por Sofia Monteiro de Barros, por intermédio de Jósio de Salles, cumprindo assim o desejo de Maria Eufrásia Marques Lisboa, filha do Almirante Tamandaré.

O MANUSEIO

Acondicionados em 17 livros, em sua maioria na dimensão aproximada de 50 cm por 39 cm de largura e com encadernação em couro, os documentos foram colados às respectivas páginas, guardados em armário próprio, sendo dispostos sem obediência à cronologia ou mesmo ao assunto. Entretanto, em que pese as técnicas hoje existentes sobre acondicionamento e conservação em papel, o fato é que a documentação está em bom estado de preservação.



Figura 1 – Acondicionamento do Arquivo do Almirante Tamandaré, aspecto do livro nº 1

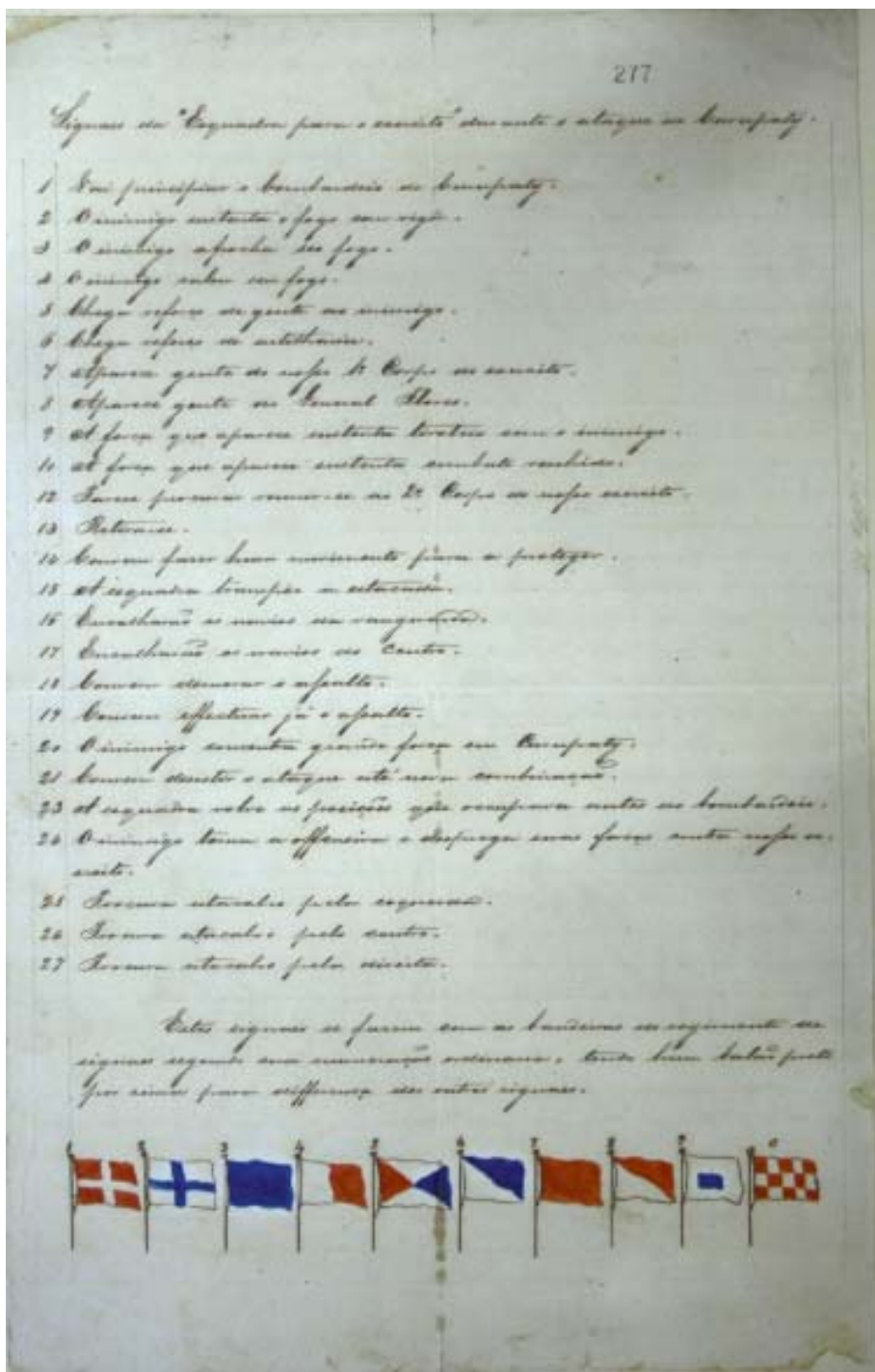


Figura 2 – Manual de sinalização entre a Esquadra e o Exército durante o ataque a Curupaiti. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, Livro 4, p. 93

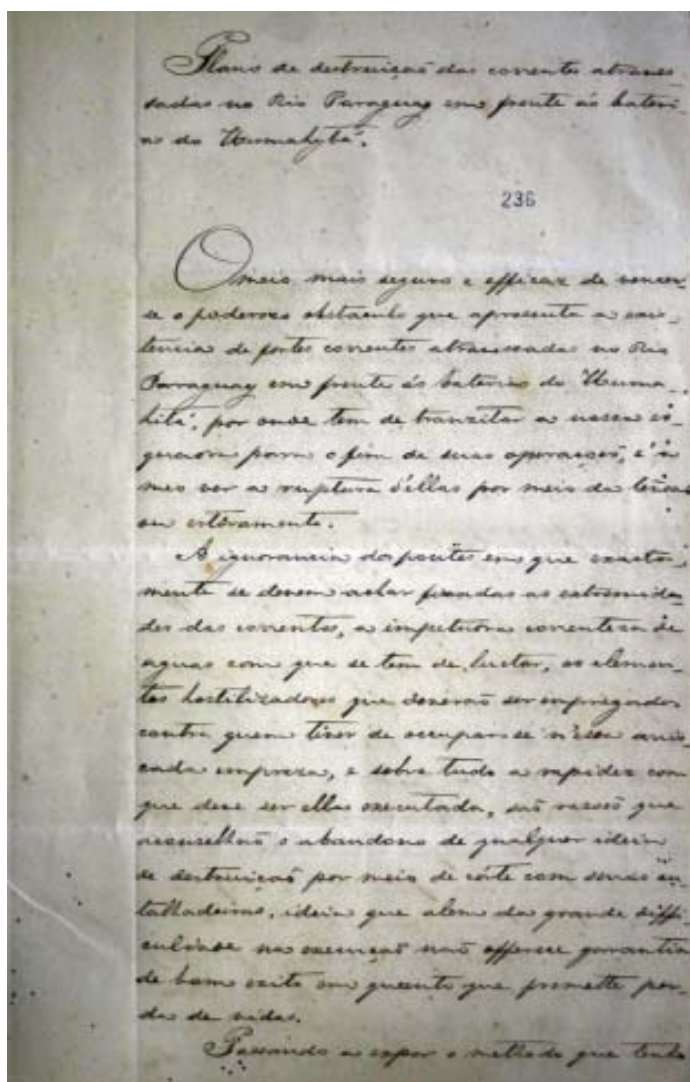


Figura 3 – Plano de destruição das correntes atravessadas no Rio Paraguay em frente às baterias de Humaitá. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 4, p. 46, doc. 236

O inventário, com uma metodologia histórica, do Arquivo do Almirante Tamandaré teve início em 1978, quando todos os seus 1492 documentos foram catalogados, e hoje microfilmados, exceto o Livro 16. Até este ano, as consultas realizadas levavam, invariavelmente, ao manuseio dos originais.

A historiografia naval tem registrado, no caso de livros e outros trabalhos escritos sobre a vida do Almirante Tamandaré¹, o uso em escala numerosa da documentação do Arquivo pelo Primeiro-Tenente José Francisco de Lima; outros autores também podem ter pesquisado a respeito, mas não há citações nas publicações.

¹ Bibliografia pesquisada na rede integrada de 36 bibliotecas de Organizações da Marinha do Brasil.

Navigator 6 Arquivo Tamandaré: o espelho de uma carreira

Nesse mister, cabe o registro da bela impressão que me causou a conversa que mantive com o Tenente Francisco, há alguns anos. Disse-me ele que o seu livro era resultado de uma pergunta que sempre o perseguiu ao longo da carreira naval: “O que levou o Almirante Tamandaré a ser considerado o Patrono da Marinha do Brasil?” Deste modo, ele buscou suas respostas nos documentos lidos em arquivos. Apesar de nascido longe dos grandes centros culturais do País, de origem humilde, sem nenhuma formação acadêmica, ele me mostrou metodologia de pesquisa e construção de uma hipótese...

O LIVRO 16

Como parte das comemorações do Bicentenário de Nascimento do Patrono da Marinha, incluiu-se a publicação do *Arquivo do Almirante Tamandaré*. Era o momento de, cumprindo-se a nova realidade no domínio da construção histórica, democratizar e popularizar, enfim, tornar conhecida e disponível aos estudiosos toda uma documentação que pode ser creditada à história política, onde se encontra a história militar e naval.

O propósito não era o de, com a publicação, produzir o acesso a verdade sobre a trajetória do Almirante Tamandaré, mas sim trazer a público, no dizer de José Murilo de Carvalho, “mais mediadores do conhecimento da História: os documentos”² e assim ser possível reconhecer a importância e a existência dos heróis, lideranças da sociedade, os quais nascem, por vezes, em resposta de importantes demandas concretas do segmento social/instituição que representam, absorvendo expectativas e necessidades de grupos e coletividades ali alocados³.

Nesse contexto, foi iniciado o inventário do Arquivo pelo Departamento de História Marítima e Naval do Serviço de Documentação da Marinha, com o apoio dos Departamentos de Arquivos da Marinha e de Publicações e Divulgação. A sua produção, decidiu-se, seria impressa e, atendendo aos apelos da informática como fator de democratização da pesquisa histórica, também em CD-ROM. Assim, todo o fichamento existente foi revisto e atualizado, sendo os documentos catalogados. Mas, durante o processo, descobriu-se o Livro 16.



Figura 4 – Livro nº 16 do Arquivo do Almirante Tamandaré

² CARVALHO, José Murilo de. O Historiador e os morcegos. *Revista Nossa História*. Ano 1, nº 10, p. 98. ago. 2004.

³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. História na educação de jovens e adultos. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/sef/estrut2/pcn/materiais/eja/volume2/historia.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2007.

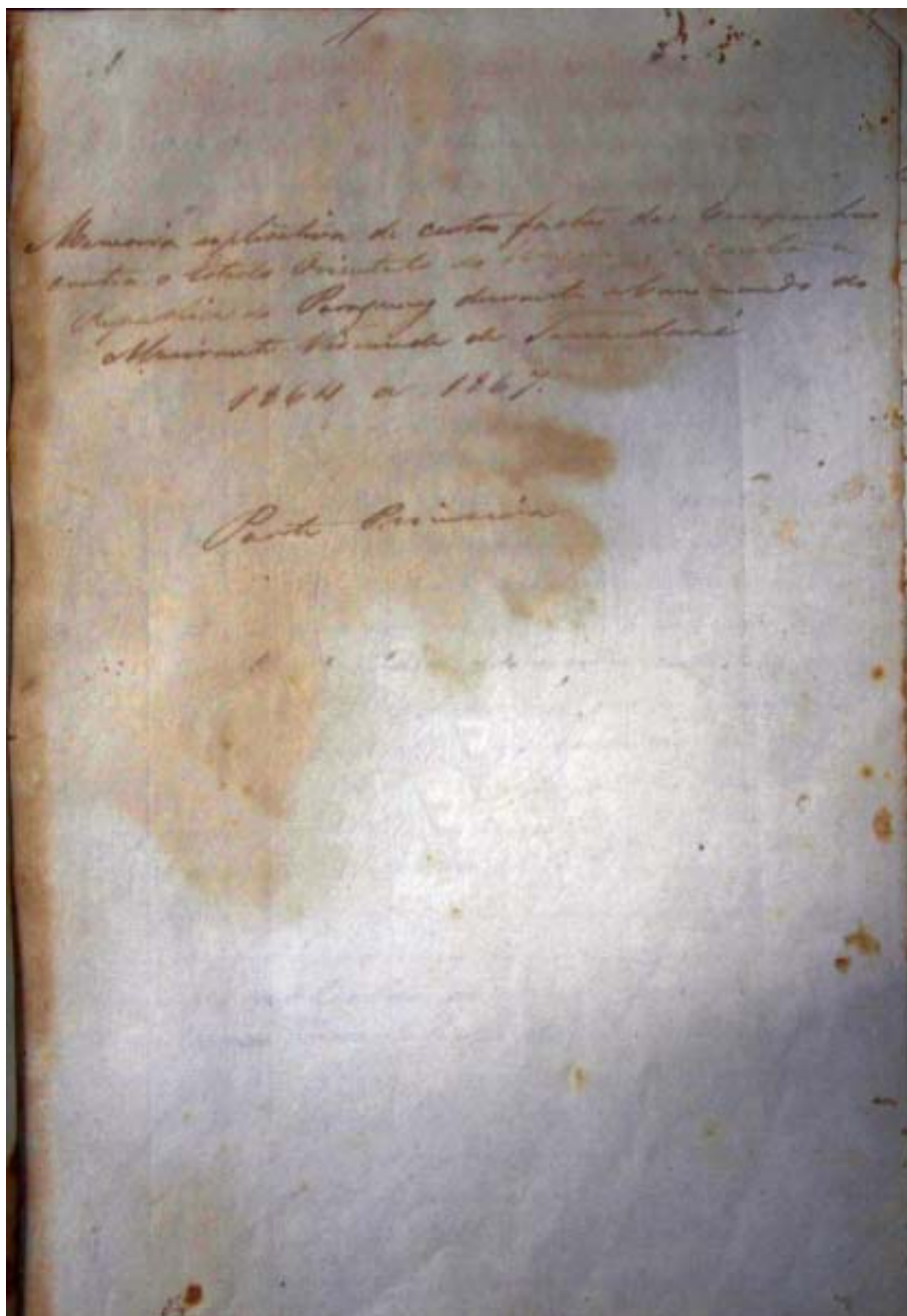


Figura 5 – Página de abertura das "Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai durante o comando do Almirante Visconde de Tamandaré", escrita por Euzébio José Antunes. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 16, p.16

A memória explicativa de certos fatos das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e contra a República do Paraguai durante o comando do Almirante Visconde de Tamandaré é uma fonte primária que trata de questões políticas e operações militares ocorridas até a rendição de Uruguaiana, em fins de 1865, tendo como personagem central nesse relato o Almirante Tamandaré. Busca explicar, com o concurso de numerosos documentos, as ações empreendidas pelo Patrono da Marinha do Brasil no período. Foi escrito pelo Capitão-Tenente Euzébio José Antunes em 1867, por ordem do Ministro da Marinha.

A escolha desse militar para escrever esse depoimento deve ser considerada em função das comissões que exerceu ao tempo dos conflitos no Prata, como ajudante-de-ordens do comandante da Força Naval no Rio da Prata, sediada em Montevidéu (1862-65) e no assessoramento prestado ao Almirante Tamandaré, em Buenos Aires (1865-66), na criação da estrutura logística que permitiu a operação da Esquadra brasileira nos Rios Paraná e Paraguai. Junte-se aos fatos o conhecimento de causa e perfil jornalístico que já demonstrara no trato de discussões, pela imprensa, das mais complicadas questões da alta administração da Marinha de Guerra, merecendo elogios do

comandante da Estação Naval da Bahia, onde também serviu.

Diante desse manuscrito inédito, optou-se por também publicá-lo. O lançamento da obra ocorre hoje, neste Simpósio, não sem razões. No ano em que se comemora o Bicentenário de Nascimento do Patrono da Marinha do Brasil, por que não se fomentar “a ambição de todo historiador na produção do conhecimento novo... dizendo coisas diferentes das que foram ditas por nossos predecessores?”⁴. Citemos, por exemplo, aquela historiografia corrente, que condena as ações empreendidas pelo Almirante Tamandaré nos episódios de Salto e Paissandu, a morosidade da Esquadra, a sua longa estadia em Buenos Aires ..., julgando-os como resultado da incompetência, até mesmo fruto de “visíveis sintomas de velhice precoce” do Comandante-em-Chefe das Forças Navais no Rio da Prata à época. Há controvérsias, pelo visto, no livro ora publicado.

Composto de 141 páginas, o depoimento do Capitão-Tenente Euzébio Antunes, além de transcrever e citar diversos documentos, como já referido, traça considerações a respeito, também opinando sobre as “certezas” deixadas pela guerra ainda em curso, como veremos a seguir:

“Fevereiro de 1867⁵

“A Guerra do Paraguai encerra uma preciosa lição para o Brasil, embora com o sacrifício do bem-estar e do futuro da geração atual, que já se mostra cansada por uma luta tão prolongada e cruel, e procura lançar a culpa desta situação tirante à lentidão e inércia na presente marcha das operações e a erros dos últimos governos, quando deve atribuí-los à improvidência a total confiança de uma paz estável no passado, de que todos que tiverem parte ou influência nos públicos negócios são responsáveis, sem distinção de partidos.”⁶

⁴ CARVALHO, op. cit.

⁵ Todos os grifos nas próximas citações são meus.

⁶ ANTUNES, Euzébio José. *Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai durante o Comando do Almirante Visconde de Tamandaré*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2007. p. 11

“Temos direito em falar esta linguagem; porque nunca partilhámos essa confiança e improvidência que das altas regiões do poder, e do seio do Parlamento Nacional se procurava implantar nas massas populares, e que nos fez adormecer nas proximidades de um vulcão; e para provar a nossa tese, e evitar que a História registre uma grande injustiça nacional, é que hoje lançamos mão da pena para escrever este esboço imparcial.”⁷

Página 18

“Esta mudança brusca na política do Paraguai para conosco data da época em que D. Carlos Antonio López se viu livre do tirano de Buenos Aires, pelos esforços brasileiros, e pôde assim respirar, sem ter concorrido com um só soldado, nem com o menor sacrifício para a queda desse tirano que o apertava em um círculo de ferro e ameaçava esmagá-lo, sendo assim quem melhor proveito tirou deste fato importante que tanta influência tem tido nos destinos do rio da Prata e em sua prosperidade.”⁸

Página 22

“Não podia ser, realmente, mais desgraçada a situação militar do Império quando tivemos de fazer soar o canhão no Rio da Prata para desafronta da honra nacional e para conseguir as garantias a que tinham direito os brasileiros residentes no Estado Oriental. Nunca almirante algum se viu encarregado de uma missão tão árdua, tão pouco definida, com tão escassos elementos, como o então Barão de Tamandaré nessa ocasião!

“Com efeito: não obstante o Sr. Conselheiro Saraiva ter demorado quanto pôde a apresentação do *ultimatum* ao Governo de Montevideú, o que teve lugar no dia 12 de agosto de 1864, somente no dia 1^a de dezembro, isto é, quase quatro meses depois, foi que o Exército Brasileiro penetrou no Estado Oriental, e que Exército! Que não chegava a seis mil homens, inclusive os 1.200 voluntários que acompanhavam o General Netto.”⁹

⁷ Ibidem. p.11.

⁸ Ibidem. p.33.

⁹ Ibidem. p.37.

Página 27

“Único responsável nessa época crítica pela direção política e militar da guerra e gozando de uma ilimitada confiança de seu governo, que o deixava inteiramente livre, ele consultaria o melhor, como porque no teatro dos acontecimentos era o mais habilitado para resolver – (Despacho de 7 de dezembro de 1864, do Ministro dos Negócios Estrangeiros), o Almirante brasileiro se multiplicava para malograr todos esses planos, a fim de corresponder a essa honrosa confiança.”¹⁰

Página 38 – *Considerações acerca da resposta do Ministro em Assunção às indagações do Almirante Tamandaré sobre o poderio militar paraguaio. (os documentos foram transcritos):*

“Eis o modo por que éramos servidos! Imprevidência de uma parte, descuido de outra, ignorância completa do valor militar do inimigo, e a vaidade de saber tudo dessa China da América! Assim empreendemos ao acaso esta guerra desastrosa!

“É digno de ler-se integralmente este ofício escrito pelo Almirante ao Ministro dos Negócios Estrangeiros em 12 de outubro. Ele revela a sua impaciência por incitar as operações, e o seu anelo por nos ver colocado em uma posição sobranceira às dificuldades que se debruçavam no horizonte! Quem diria que dois anos depois seria este mesmo chefe acusado de inércia por não ter realizado operações imprudentes, sem motivo justificado, só para satisfazer caprichos de quem joga com a opinião pública, tão fácil de ser explorada?”¹¹

Páginas 40 e 41 – *Transcrição de ofícios do Presidente da Província do Rio Grande do Sul e do Brigadeiro Canavarro, em 20 de setembro de 1864:*

“ O Sr. Conselheiro Saraiva recomendou-me que devia prevenir a V. Ex.^a para serem as operações do Exército coadjuvadas pelas forças da nossa Esquadra, e assim o faço sem poder determinar a época certa em que poderão achar-se as nossas forças em frente a Paissandu e Salto. “¹²

Presidente da Província do Rio Grande

¹⁰ Ibidem. p.41.

¹¹ Ibidem. p.51.

¹² Ibidem. p.53.

“ Comando da Fronteira do Quaraí. Quartel-General em Santana do Livramento, 27 de setembro de 1864. Ilmo. e Exmo. Sr. Hoje às 10 horas do dia, recebi o ofício que V. Ex.^a serviu-se dirigir-me em data de 21 do corrente, comunicando-me que o General Servando Gomes, à frente de uma força de 2.500 homens das três armas efetuava sua passagem para o norte do Rio Negro, talvez com o fim de reforçar Paissandu para oferecer batalha ao General Flores, que se acha ao alcance de tiro de canhão da dita cidade, incorporar-se à Guarnição do Salto, ou dirigir-se a esta fronteira. Em resposta tenho o pesar de dizer a V. Ex.^a que, com as forças que atualmente tenho à minha disposição, parece-me inútil ou sem vantagem qualquer tentativa que faça por esta parte; porque pouco excedem de 500 homens de cavalaria, disseminados por toda a fronteira. “¹³

David Canavarro

Páginas 44 e 45 – *Transcrição de ofício do Comando da Flotilha de Mato Grosso, 4/10/1864:*

“ A força sob meu comando é bastante diminuta, e incompleta, pois havendo quatro vapores só um tem artilharia e todos estão mal guarnecidos, do que já dei conhecimento ao Quartel-General da Marinha, logo que tomei este comando, mas que nenhuma solução teve até agora, e por isso não sofreu melhoramento algum a Flotilha, e continuam os navios lotados de modo que, nem para a simples navegação dos rios tem guarnição suficiente; além disso acresce que só do Corpo de Imperiais Marinheiros pode-se obter praças para os navios, e este está mui resumido e incompleto pela falência de recrutas ou voluntários. “¹⁴

Página 46

“Já vimos qual era o estado efetivo do Exército debaixo dos muros de Montevideú; pois bem, a Marinha não lhe era superior nem em organização nem em número”¹⁵.

¹³ Ibidem. p.54.

¹⁴ Ibidem. p.57.

¹⁵ Ibidem. p.59.

Página 48

“Ninguém pensava que o General López invadisse a Província de Corrientes, e rompesse assim com a Confederação Argentina; portanto, quando se tratava da guerra, a persuasão geral era que ele não sairia da defensiva, limitando-se à invasão de Mato Grosso para se apoderar dos limites a que pretende.”¹⁶

Páginas 48 e 49 – transcrição de ofício do Almirante Tamandaré ao Ministro da Marinha, em 3 de março de 1865, expondo o seu plano de operações:

“... cumpre-me romper, no mais curto prazo possível as hostilidades contra a República do Paraguai. O Governo Imperial, porém, ainda não nos deu a conhecer o plano geral de campanha que tinha resolvido adotar nesta guerra justa, que provoca aqui imensas simpatias; nem exigiu a opinião de seus generais de mar e terra, incumbidos do comando das forças em operações.”¹⁷

Páginas 65 e 66

“... à discussão do Tratado e do plano da campanha havia assistido o General Urquiza, que veio a Buenos Aires, para este fim expresso, a convite do General Mitre. Aquele caudilho, que consideramos o homem mais funesto do Rio da Prata, e que à ferocidade do tigre reúne a astúcia da raposa, havia mostrado muito entusiasmo pela causa dos aliados, e prometeu ser o primeiro a dar uma lição ao inimigo, fazendo marchar de Entre-Rios seus soldados já prontos, em número de oito mil homens, que, reunindo-se ao General Nicanor Cáceres, que comandava os correntinos, e ao General Paunero, que havia partido de Buenos Aires com as forças de infantaria e artilharia disponíveis, podiam formar um exército de vanguarda de 12 a 15 mil homens, capaz, com efeito, de dar um golpe importante, logo que o inimigo se internasse no território correntino, do qual o ministro das Relações Exteriores da Confederação esperava os melhores resultados. Havia, porém, muito quem não só duvidasse da cooperação deste caudilho, como que até desconfiasse que ele estava de combinação com o inimigo, que não se atreveria a avançar tão francamente à procura da Província de Entre-Rios, se não esperasse achar apoio nela.

“O Almirante Tamandaré era um destes...”¹⁸

¹⁶ Ibidem. p.61.

¹⁷ Ibidem. p.61 e 62.

¹⁸ Ibidem. p.79.

Páginas 81 e 82

“Nestas graves circunstâncias, tendo dois chefes de confiança à frente da Esquadra no Paraná, devia o Almirante Tamandaré partir também para ali, e abandonar nosso Exército, abandonar nossa Província do Rio Grande, dar as costas ao perigo sério que corria a integridade do Império, perigo que obrigou até o Imperador a fazer uma viagem incômoda e rápida, por uma estação rigorosa, para se apresentar em frente ao inimigo, como o primeiro Voluntário da Pátria?”

“Julgamos que nem os próprios adversários deste ilustre general se atreverão a dar uma resposta positiva a esta interrogação, preferindo a defesa do solo estrangeiro à defesa do solo da Pátria.”¹⁹

Página 90

“Estes preciosos documentos da história nacional além das provas que nos fornecem da injustiça com que se acusava de morosos os movimentos da nossa Esquadra, nos revelou também o seguinte, que convém ter em memória.

“1ª – A insuficiência do 1º Corpo do Exército argentino para realizar os planos de campanha esboçados em Buenos Aires pelo Ministro Elizalde nas cartas que dirigiu ao Almirante.

“2ª – Que a Esquadra, se não tivesse subido e descido tantas vezes por causa daquele Exército, teria chegado a Corrientes – onde só esteve distante 16 léguas – com carvão ainda para navegar, visto que ela podia chegar mesmo depois disso àquele ponto, partindo do Rincón do Soto.

“3ª – Que ela salvou então aquele 1º Corpo do Exército com o seu inestimável concurso, embora com o sacrifício de sua glória.”²⁰

Página 125

“A Repartição da Guerra não tinha ainda estabelecido no Rio da Prata nenhuma administração militar, e o serviço dessa repartição recaía no Estado-Maior da Esquadra, que em tão múltiplos e variados deveres encontrava a cada momento dificuldades imprevistas.”²¹

¹⁹ Ibidem. p.94.

²⁰ Ibidem. p.102.

²¹ Ibidem. p.140.

Página 139

“O ilustre Sr. Conselheiro Paranhos, na obra que escreveu com o título *Convenção de 20 de Fevereiro*, procurou mostrar que o Visconde de Tamandaré colocou-se em manifesta contradição assinando esta proposta de capitulação, e reprovando aquela convenção. Ele compara os termos de um e outro documento, e acha as condições oferecidas a Estigarribia muito mais suaves do que no que serviriam para a rendição de Montevideú.”²²

Na última página do manuscrito do Capitão-Tenente Euzébio Antunes há uma interrupção da narrativa, como descrito na apresentação pelo Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, Vice- Almirante Armando de Senna Bittencourt, parecendo faltar sua continuação.

O CATÁLOGO DO ARQUIVO DO ALMIRANTE TAMANDARÉ

Intencionalmente previsto para ser lançado no mês de dezembro, em data próxima ou mesmo no próprio dia de nascimento do Patrono da Marinha, 13 de dezembro, seus 1492 documentos dispostos em 17 livros, estarão disponíveis, mediante uma prévia seleção de fichas catalográficas e consulta em microfílm, aos estudiosos dos “Domínios da História”. Há elementos para se pesquisar a construção/reconstrução de uma história política, social, cultural, do poder no Brasil, campos de investigação observados na obra organizada por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas.²³

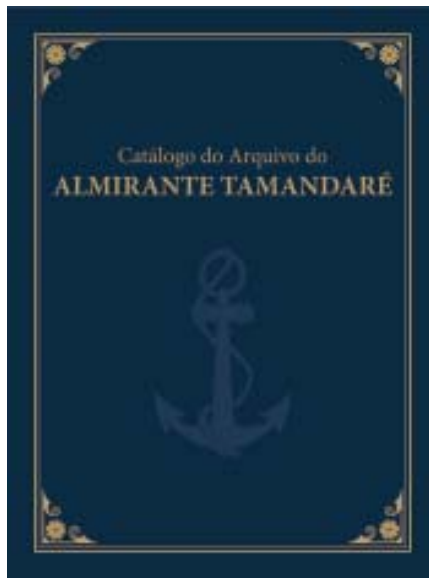


Figura 6 – Capa do catálogo do Arquivo Tamandaré

²² Ibidem. p.159.

²³ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaio da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

<p>Palavra-Chave: <i>Ocean Monarch</i> - Naufrágio <i>Visco da Gama</i> - Naufrágio ELOGIOS - Tamandaré, Marquês de. Joaquim Marques Lisboa, 1807-1897</p> <p>Título: Artigo do jornal <i>Illustration de Paris</i> (em francês)</p> <p>Produtor: xxx</p> <p>Resumo: Artigo no qual é abordado os naufrágios do Navio <i>Ocean Monarch</i> e da Nau <i>Visco da Gama</i>, elogiando a coragem e a inteligência demonstradas pelo Comandante do Vapor <i>D. Afonso</i>, Capitão-de-Mar-e-Guerra Joaquim Marques Lisboa e, participando que o governo britânico pretende presentear-lo pelo fato.</p> <p>Local: Paris Anexo: xxx</p>	<p>Data: s/d</p> <p>Arquivo: TAMANDARÉ Documento: Livro: 1 Doc: 39 Pág: 14 F. 3</p>
<p>Palavra-Chave: NOMEAÇÃO - Capitão do Porto da Corte e Província do Rio de Janeiro Tamandaré, Marquês de. Joaquim Marques Lisboa, 1807-1897</p> <p>Título: Ofício assinado pelo Ministro da Marinha Zacarias de Góes e Vasconcelos</p> <p>Produtor: Ministro da Marinha Zacarias de Góes e Vasconcelos</p> <p>Resumo: Ofício nomeando o Chefe de divisão Joaquim Marques Lisboa para o cargo de Capitão do Porto da Corte e Província do Rio de Janeiro.</p> <p>Local: Palácio do Rio de Janeiro Anexo: xxx</p>	<p>Data: 1852/09/13</p> <p>Arquivo: TAMANDARÉ Documento: Livro: 1 Doc: 40 Pág: 15</p>
<p>Palavra-Chave: CARTA PATENTE - Tamandaré, Marquês de. Joaquim Marques Lisboa, 1807-1897 PROMOÇÃO POR MERECCIMENTO</p> <p>Título: Carta patente assinada pelo Imperador D. Pedro II</p> <p>Produtor: Imperador D. Pedro II</p> <p>Resumo: Carta patente promovendo o Capitão-de-Mar-e-Guerra Joaquim Marques Lisboa ao posto de Chefe de Divisão, com o registro do Ministro da Marinha Manoel Vieira Tosta, em 27/03/1852 - Palácio do Rio de Janeiro.</p> <p>Local: Corte [Rio de Janeiro] Anexo: xxx</p>	<p>Data: 1852/03/20</p> <p>Arquivo: TAMANDARÉ Documento: Livro: 1 Doc: 41 Pág: 16</p>

Figura 7 – Fichas catalográficas presentes no catálogo do Arquivo do Almirante Tamandaré



Figura 8 – Cartão-postal impresso com o retrato do Imperador D. Pedro II. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 4, doc. 10

Esses ditos elementos provém da história naval brasileira vivida por um homem que atravessou todo o tempo monárquico do País. O acesso ao Arquivo Almirante Tamandaré trará ainda consigo, em que pesem as críticas, "... o fetiche da busca pelo 'documento inédito' e 'original', tão comum ao ambiente historiográfico."²⁴

Entretanto, podemos encontrar outras finalidades na produção bibliográfica da documentação do Patrono da Marinha, todas elas relacionadas ao progresso da tecnologia da informação, já conhecida dos pesquisadores de história: facilitação na coleta das fontes primárias, conservação dos documentos, democratização das informações, etc... E todas

elas remetem a um fato – O DOCUMENTO PRECISA EXISTIR – juntamente com o historiador e a realidade histórica.²⁵ Para tal, é necessário produzir uma memória escrita e dessa forma ser preservada. Documentos produzidos eletronicamente, muitos digitalizados, bem como outras ferramentas tão modernas serão capazes de nos fazer repensar uma história que começou a ser escrita há exatamente 200 anos, como a do Patrono da Marinha do Brasil? Será que assim "... continuaremos a percorrer os caminhos e descaminhos da História, enfrentando com serenidade as diferenças de opinião e opção teórica ..."²⁶, objetivo maior a ser alcançado com essas publicações? Vale a pena refletir...

²⁴ NOVA, Cristiane Carvalho da. A informática e a democratização da pesquisa histórica. O Olho da História, Salvador, v. 1, n. 4, p. 100-106, 1997.

²⁵ CARVALHO. Op. Cit. p. 98.

²⁶ CARDOSO; VAINFAS. op. cit.p. 449.



Figura 9 – Cartão-postal impresso com o retrato do Marquês de Tamandaré, Almirante Joaquim Marques Lisboa e com transcrições assinadas pelo Cardeal Wiseman, Imperador Pedro II e pelo Marquês de Tamandaré. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 5, doc. 7



Figura 10 – Cartão-postal impresso com a fotografia do Chateau d'Eu e correspondência entre Isabel d'Orleans e Bragança Princesa Imperial do Brasil, 1846-1921 e Maria Eufrásia Marques Lisboa. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 6, doc. 25



Figura 11 – Cartão-postal impresso com fotografia da Família Real, assinado pelo Conde d'Eu (Luiz Felipe Maria Fernando Gatão d'Orleans), 1842-1922 e Isabel, Princesa Imperial do Brasil, 1846-1922. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 5, doc. 19



Figura 12 – Cartão-postal impresso com o retrato da Imperatriz Tereza Cristina. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 4, doc. 11



Figura 13 – Cartão-postal impresso com o retrato do Marquês de Tamandaré, Almirante Joaquim Marques Lisboa. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 3, doc. 5

Navigator 6 Arquivo Tamandaré: o espelho de uma carreira



Figura 14 – Cartão-postal impresso de Isabel d’Orleans e Bragança, Princesa Imperial do Brasil, 1848-1921, endereçada à Maria Eufrásia Marques Lisboa. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 6, doc. 28



Figura 15 – Cartão-postal impresso com a fotografia do “Eu – Ruínas do Chateau” e correspondência entre a Princesa Isabel d’Orleans e Bragança, 1846-1921 e Maria Eufrásia Marques Lisboa. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 6, doc. 22

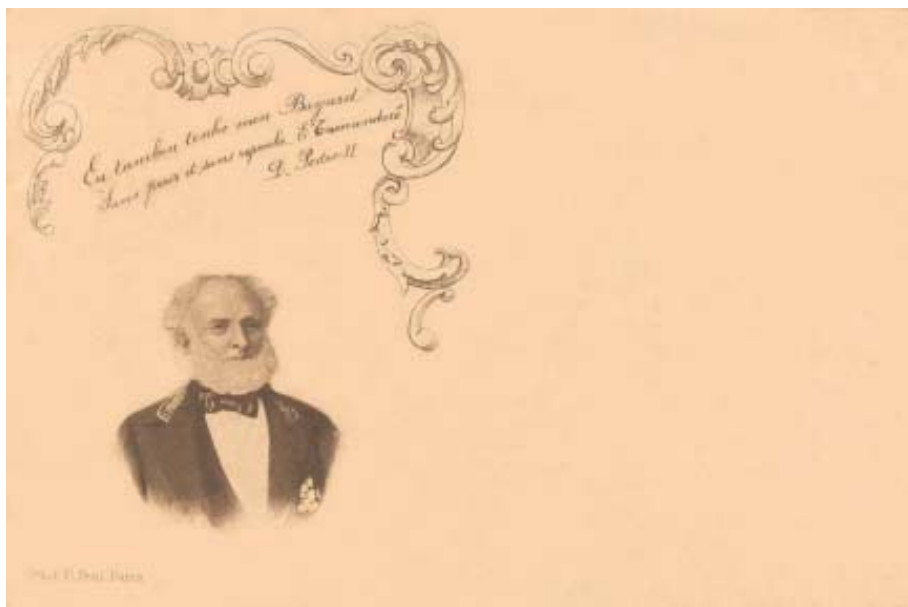


Figura 16 – Cartão-postal impresso com o retrato do Marquês de Tamandaré, Almirante Joaquim Marquês Lisboa – transcrição assinada pelo Cardeal Wiseman. Fonte: Arquivo do Almirante Tamandaré, livro nº 1, p. 3, doc. 9